

GAUDÊNCIO FRIGOTTO: O HOMEM E SUA ESSÊNCIA INTELLECTUAL E ORGÂNICA NAS LIDAS DA QUESTÃO TRABALHO E EDUCAÇÃO

Clavatta, M. (Org.). *Gaudêncio Frigotto: um intelectual crítico nos pequenos e nos grandes embates*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. (Coleção Perfis da Educação, 6)

RESENHADO POR ZACARIAS GAMA¹

A Coleção Perfis da Educação, que já lançou os perfis de Antonio Flavio B. Moreira, Bernadete Gatti, Carlos Jamil Cury, Dermeval Saviani e Miguel Arroyo, presenteia-nos agora com o de Gaudêncio Frigotto: *Gaudêncio Frigotto: um intelectual crítico nos pequenos e nos grandes embates* (Belo Horizonte: Autêntica, 2012). Frigotto é um gaúcho faca na bota, nascido na longínqua Antônio Prado, no interior gaúcho, que se projetou nacionalmente “como um intelectual crítico nos pequenos e grandes embates” sempre se colocando entre os melhores intelectuais que labutam em prol da educação pública de qualidade social que queremos, sempre em sintonia com os problemas da nossa vida social, política e econômica. Como intelectual orgânico que não foge às lidas da questão Trabalho e Educação, é daqueles que se interessam em identificar e analisar as contradições do nosso tempo, sem nunca perder as suas origens de homem do campo, sem se distanciar dos injustiçados da terra e se colocando no lugar das vítimas do sistema. Seu lugar tem sido no “movimento real que supera o estado de coisas existentes”, nos dizeres de Marx (A ideologia Alemã, 1989, p. 32).

O livro foi organizado por Maria Clavatta, sua amiga e colega desde os tempos de estudos no Instituto de Estudos Avançados em Educação da Fundação Getúlio Vargas (IESAE/FGV), no Rio de Janeiro. A bela introdução – “Sujeito e estrutura na apresentação de um intelectual crítico” – também é da sua faina. Nela, Clavatta nos fala do sentido histórico que dá aos fatos

¹ Professor associado da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)/Faculdade de Educação. É Pós-doutor em Educação pela Universidade de Lisboa, Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2002) e Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1993). Atualmente, integra o quadro permanente de docentes do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Formação Humana (PPFH/UERJ). Participa dos grupos de pesquisa Núcleo de Estudos em Políticas Públicas, Avaliação e Gestão da Educação (Nupag) e é membro do Comitê Gestor do Laboratório de Políticas Públicas – LPP/UERJ.

narrados na entrevista que faz com Frigotto e situa-os “nas dimensões da realidade social do tempo e espaço de sua vivência”. Dessa forma, apresenta-nos o seu entrevistado como um intelectual de origem camponesa, neto do homem mais instruído da comunidade rural de Antônio Prado, e sua criação no rude trabalho da roça. Também o situa como aluno de “uma escola de rígida formação intelectual e moral”, o Seminário dos Capuchinhos em Veranópolis, e posteriormente como estudante de Filosofia e sujeito comprometido com os movimentos sociais e com a resistência à ditadura militar de 1964 a 1985.

Para estruturar a entrevista e “desenhar” o perfil de Frigotto, Ciavatta não abriu mão do conceito de totalidade social de Marx e da concepção de tempos múltiplos formulada por Braudel (1992). Por essa razão, apresenta o entrevistado não em sua totalidade, como o senso comum a admite, mas de um modo em que é possível o desvelar de sua essência, naquilo que o constitui, nas relações sociais em que se imiscui e se articula, nos processos nos quais desenvolve a sua humanidade e as mediações que lhes foram importantes. Também o apresenta como profissional, filho e pai, marido e amigo, companheiro e colega “em uma simultaneidade de muitas temporalidades”. Nessas temporalidades simultâneas, Frigotto fez, e ainda faz, a sua história, mas não em condições por ele escolhidas. Em seu tempo no IESAE, por exemplo, esteve comprimido entre o conservadorismo da instituição e de seu orientador de mestrado e o pensamento dialético de professores e colegas como Dumerval Tigueliro Mendes. Nem é preciso dizer acerca de sua capacidade de acolher os contrários, conviver com eles sem perder a ternura e caminhar pelo seu próprio caminho.

A entrevista realizada por Ciavatta é longa e procura apreender a subjetividade de Frigotto, aquela que a realidade lhe permitiu subjetivar, como ele próprio gosta de dizer. Algumas fotografias contextualizadas e significativas são usadas como monumentos de perpetuação de alguma memória e apresentam aos leitores os seus ancestrais e irmãos, locais de estudos e de viagens, suas filhas e netas queridas, a Letícia e a Maria Eduarda. Gustavo, o neto querido, botafoguense por absoluta pressão do avô, ainda não tinha nascido.

Ciavatta se revela uma entrevistadora perspicaz, interessadíssima em perscrutar a essência de Frigotto, buscando trazer à luz a constituição de sua identidade intelectual, as origens italianas, o lugar da religião em sua formação, os momentos decisivos de sua carreira, a passagem pela Universidade Federal Fluminense e sua condição atual de professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, a importância dos seus estudantes universitários de todos os níveis na sua vida pessoal e profissional, os grupos de pesquisas, as contradições em seus estudos, os livros com os quais se identifica e a vida em família no Rio de Janeiro.

O que pode ser uma segunda parte do livro *Gaudêncio Frigotto: um intelectual crítico nos pequenos e nos grandes embates* contém três grupos de textos selecionados. O primeiro é composto por três textos teóricos que nos permitem pensar a ação política na sociedade.

O texto “Exclusão e/ou desigualdade social? Questões teóricas e político-práticas”, apresentado em evento promovido em 2003, pelo Consejo Latinoamericano de las Ciencias Sociales (Clacso), destaca “algumas advertências críticas ao uso da noção de exclusão social” e as “análises que evidenciam os seus limites e riscos” com o intuito de demonstrar a insuficiência daquela noção para “apreender a crise estrutural do trabalho assalariado”, bem como as suas implicações teórico-práticas.

O texto que se segue, “A polissemia da categoria trabalho e a batalha das ideias nas sociedades de classe”, encomendado pelo GT Trabalho e Educação, foi apresentado em 2008, na 31ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Anped). Nele sinaliza que “a polissemia da categoria trabalho resulta de uma construção social e, em nossa sociedade, com o sentido de dominação de classe”, e coloca em destaque

a passagem da compreensão imanente do trabalho da classe proletária e do sujeito revolucionário para a análise ou julgamento de trabalhos que se centram, há décadas, em desenvolver pesquisa histórico-empírica e que pensam com Marx e para além de Marx.

Objetivamente, Frigotto adverte acerca das incoerências de determinadas análises no que considera ser uma impropriedade possível de “congelar a saturação histórica das categorias e conceitos” e de “conduzir ao imobilismo no plano da práxis”.

O último texto, “Os circuitos da história e o balanço da educação no Brasil na primeira década do século XXI”, apresentado sob o formato de conferência na Abertura da 33ª Reunião Anual da Anped, em 2010, tem o objetivo de ser tanto um balanço como um “roteiro indicativo que pode nos permitir uma leitura histórica desta conjuntura”. Suas conclusões interpelam a própria Anped, como importante associação de “pesquisadores ou jovens em formação na pesquisa e pós-graduação na área”, tendo como base a sabedoria de Florestan Fernandes, para quem são homens que fecham ou abrem os circuitos da história.

O que estou considerando como segundo grupo ou segunda parte apresenta os textos que abordam as “Dimensões epistemológicas do conhecimento”, nas quais Frigotto abordou a interdisciplinaridade, a dialética materialista na pesquisa científica e o trabalho como elemento pedagógico.

O texto intitulado “A interdisciplinaridade como necessidade e como problema das ciências sociais”, publicado em 1993, na revista *Educação & Realidade*, apresenta a disposição de apreender a interdisciplinaridade como

vem sendo tornada imperativa nos processos de ensino e como “desafio a ser decifrado”. Em tese, defende que a interdisciplinaridade “não é sobretudo uma questão de método de investigação nem de técnica didática”, mas uma imposição que se faz necessária, muito embora seja problemática tanto no plano histórico-cultural quanto no plano epistemológico. Como melhores caminhos, indica a dialética do velho e do novo e a filosofia da práxis, ambos como possibilidade de crítica à forma fragmentária de produção da vida humana.

No texto que se segue, “O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional”, apresentado pela primeira vez em 1987, no Encontro Regional de Pesquisa Sudeste, realizado em Vitória/ES, Frigotto procurou demarcar a dialética materialista histórica como concepção de mundo, método radical e práxis. Também trabalhou a ideia de “monismo materialista” e procurou demonstrar “que não há razões necessárias para se ritualizar a pesquisa em etapas estanques ou mistificar o formalismo do projeto”.

O último texto com dimensões epistemológicas, intitulado “Fazendo pelas mãos a cabeça do trabalhador: o trabalho como elemento pedagógico na formação profissional”, publicado em 1983, na revista *Cadernos de Pesquisa*, da Fundação Carlos Chagas de São Paulo, não é uma simples análise teórica sobre o tema, mas uma tentativa de “colocar experiências concretas sobre a relação entre educação e trabalho para averiguar efetivamente como o trabalho se constitui num elemento pedagógico, um elemento educativo”. A exposição do texto fixa três tópicos que considera basilares: a concepção de trabalho na formação do trabalhador, a metodologia e prática pedagógica do Senai e algumas questões para o debate. Nesse texto, Frigotto quer saber, basicamente, se os egressos desse tipo de formação, em contato com as lutas operárias, criam ou não resistências a elas, e se a formação pelo trabalho conduz o trabalhador na direção dos interesses da classe trabalhadora.

A Parte 3 do livro compõe-se de dois textos de opinião. O primeiro, “Os ‘homens de negócio’ e a política educacional do MEC na década de 1990”, apresenta-nos a sua reação a uma entrevista dada pelo dono e fundador de uma universidade particular situada no Rio de Janeiro, para o qual “a pesquisa é uma inutilidade pomposa, uma perda de tempo” e “mestres e doutores demais não é bom”. Para Frigotto, homens-proprietários com mentalidade igual não são apenas simples homens de negócio, mas homens comprometidos com a preservação do analfabetismo de milhões de brasileiros, com a iniquidade social e com a miséria absoluta.

O segundo texto, “Ensino médio e educação profissional: a ruptura com o dualismo estrutural”, é apresentado sob a forma de entrevista concedida à revista

Retratos da Escola e foi publicado em 2011. Nela, Frigotto trata do dualismo ensino médio regular e profissional, universalização do ensino médio até 2016, evasão e repetência, identidade do ensino médio, integração do ensino médio regular e profissionalizante.

A importância do livro *Gaudêncio Frigotto: um intelectual crítico nos pequenos e nos grandes embates* é indiscutível e sobressai imediatamente a partir do desvelamento de sua essência como intelectual orgânico e das grandes lições selecionadas, de grande valor para os estudantes de graduação e pós-graduação em Educação e todos os demais intelectuais que se interessam pela temática Trabalho e Educação. É imensurável a contribuição de Frigotto para a educação nacional e para embasar todas as reflexões que são produzidas em prol de uma educação pública de qualidade social.

Submissão em: 28/04/2015.

Aprovação em: 12/05/2015.